

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 6 • 1988

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

A Provação do Labirinto: Conversas com Claude-Henri Rocquet

MIRCEA ELIADE

Lisboa, Publicações D. Quixote, 1987

*«Mircea Eliade, é um belo nome o seu...
Porquê? Eliade: hêlios; e Mircea: mir, a raiz eslava
que significa paz?...
...e mundo!»*

Assim tem início um diálogo lúcido e jovem, nascido do fascínio de uma leitura aos 20 anos. Renascido no momento em que Claude-Henri Rocquet tem a missão de demonstrar que *o espaço do homem não se mede verdadeiramente senão pelo facto de se orientar segundo os pontos cardiais do coração*. Encontrado nestas Conversas feitas de intimidade, conhecimento profundo, empatia, compromisso: amizade. Formalmente expressivas do próprio título da obra, em sequências de interpenetração «labiríntica», logo iniciática, mergulhando no infinito da memória à procura de lembranças quase esquecidas, logo de «provação».

É, então, a longa e intensa caminhada, o retorno ao mundo secreto, imaginário e feliz da infância. A descoberta da leitura e os primeiros escritos da adolescência, a juventude; uma juventude romena que era livre, que não tinha um programa, *...livre de descobrir as raízes tradicionais ... a cultura clássica e a literatura francesa, como também todo o resto*. A procura do homem paradigmático, das suas raízes diversas e profundas, por vezes esquecidas, até à explicação da relação interior com a religião que levaria Eliade, romeno de nascimento, 22 anos, com o mundo por pátria, à aventura da Índia e ao estudo *existencial* da cultura indiana. Mais do que uma prática intelectual, sem abandono da sua identidade ou da filosofia e concepção do mundo ocidental imergiu, perseguindo o seu sonho de *«totalizar os contrários»* mesmo quando se tratava de aprendizagem. Em Calcutá, pela mão de Dasgupta, seu professor e primeiro *guru*, depois o Himalaia, o Tibete, a prática do ioga, Tagore, poeta e compositor e Gandhi, o historiador das religiões sentiu definitiva e decisivamente que os ensinamentos colhidos na Índia marcariam a estrutura do seu pensamento transcendental, religioso e filosófico: a

realidade da vida, a nossa capacidade de a dominar e, ao mesmo tempo, fruir dela, de a transfigurar através de rituais tornando-a uma experiência sacramental, *uma existência Santificada*. A 2.^a descoberta transporta-o ao sentido do símbolo, à revelação de um mundo de valores espirituais e à emoção religiosa sentida perante a imagem de um símbolo. A 3.^a descoberta transportá-lo-ia ao encontro do homem neolítico, do homem primitivo e à *religiosidade cósmica*, à compreensão de um universo de valores espirituais já revelados e interiorizados pelo caçador primitivo magicamente ligado ao animal, pelo agricultor na mística solidária com a planta e o infinito ciclo que retoma a simbologia da criação, morte e renascimento.

Tendo ainda como referência o «Journal» Rocquet prossegue um périplo revelador da intimidade do (muito jovem) célebre romancista e brilhante universitário, acolhido por Georges Dumézil para leccionar na École des Hautes Études. Época de glória, de tragédia e incertezas, de intenso trabalho científico e literário; entretanto era a guerra, o seu afastamento (voluntário) da Roménia e o encontro com Ortega, Eugénio d'Ors, a evocação de Onamuno, Gabriel Marcel e a amizade com Matila Ghyka. Nesta altura manifesta a justificação da diáspora romena, da sua diáspora e de tantos outros (entenda-se veementemente nesta diáspora exílio e não emigração) na dicotomia da própria tradição popular romena ou seja, na unidade contraditória da cultura romena situada no cerne e herdeira de dois mundos, o europeu e o oriental: *...E esta tensão Oriente-Occidente; tradicionalismo-modernismo; mística, religião, contemplação-espírito crítico, racionalismo, desejo de criar concretamente; esta polaridade encontramos-la em todas as culturas... como dizia Papini, entre a poesia de pedra e a poesia de mel.*

A leitura de *A Provação do Labirinto* extravasa os limites de si mesma: suscita ao conhecimento de outros autores do pensamento filosófico ocidental, orientistas, poetas e artistas que num dado momento, física, intelectual ou espiritualmente se cruzaram na vida da personagem central. Relevamos o *encontro de escrita* com Marcusi e a feliz opção de integrar, em anexo, o belíssimo texto de Eliade *Brancusi e as Mitologias*.

A concluir este livro, a apresentação cronológica da biografia de M. Eliade, uma relação da sua vasta produção bibliográfica e ainda das teses e monografias que lhe foram consagradas, bem como as notas do tradutor que sistematicamente acompanham a obra, constituem um valioso complemento, frequentemente mais do que isso, um contributo estimulante e clarificador de alguns traços mais fugazmente tratados da vida, obra e personalidade de M. Eliade.

Diremos com Rocquet, à cerca deste homem que palmilhou generosamente, num sentido absoluto e cósmico, o mundo e o século XX:

...Nem o desejo de ciência nem a atenção do filósofo me parecem ser o essencial de Eliade: antes a fonte do poema pelo qual a vida mortal por vezes se transfigura e nos enche de esperança.